

# Funarte começa a acertar os ponteiros

Fundação investe forte na área de publicações após retomar Projeto Pixinguinha e dar gás em artes plásticas

Daniela Nême

**T**em livros novos na estante da Funarte: a instituição, que não investia em publicações há anos, prepara-se para uma série de lançamentos e relançamentos editoriais em várias áreas da cultura.

Em janeiro de 2003, quando assumiu a presidência da Funarte, Antônio Grassi prometeu que iria botar os relógios da instituição para andar. A afirmativa era literal — os relógios de parede do Palácio Capanema, onde funciona a Funarte, estavam parados e precisavam de ajuste especializado — mas também simbólica. Sem uma política cultural definida em sua gestão anterior, a Funarte tinha deixado de lado uma série de projetos que tinham marcado sua história.

— Percebi que não podia remendar o que estava em farrapos, ficaria ruim. Precisava fazer um tecido novo, o que demora tempo — diz Grassi.

## Em artes, destaque para rede nacional de exposições

Os relógios de parede do prédio estão tinindo, e os outros ponteiros da Funarte — os simbólicos, digamos assim — começam a se acertar. Além de ter retomado o histórico Projeto Pixinguinha, que realiza shows de jovens músicos por todo o Brasil, a fundação criou uma nova política para as artes plásticas, que inclui uma rede nacional de exposições e o Projéteis da Arte Contemporânea, uma vitrine para artistas iniciantes que veio substituir o Projeto Macunaíma. E, se agora o tempo não pára no Capanema, a ideia da presidência da Funarte é mostrar que é preciso haver registro de tudo o que está sendo feito nesta nova velocidade de administração cultural.

Por isso a preocupação com o segmento editorial. Investindo novamente em publicações, a Funarte pode registrar em catálogos os rumos de seus principais projetos. E também fomentar a pesquisa e procurar parcerias em diversas áreas.

Grassi diz que já investiu R\$ 1,2 milhão em publicações — além de livros relançados e inéditos, folders e catálogos. A área de artes visuais é a que concentra o maior número de

livros. Em março, uma noite de autógrafos coletiva vai reunir os autores de todos os títulos do assunto.

Entre eles o crítico de arte Fernando Cocchiarale e a artista plástica Anna Bella Geiger, que publicaram juntos, em 1987, o livro "Abstracionismo geométrico informal — A vanguarda brasileira nos anos 50". Hoje um clássico do pensamento plástico nacional contemporâneo, a obra reúne longas entrevistas com nomes como o poeta e crítico Ferreira Gullar e as artistas Lygia Pape e Fayga Ostrower, estas últimas já falecidas. Esgotadíssimo há anos, o livro vinha sendo pirateado em fotocópias por dez entre dez estudantes ou interessados em arte de todo o Brasil.

O Departamento de Fotografia da Funarte também vai lançar o livro de luxo "Fotografia no Brasil — Um olhar das origens ao contemporâneo", das pesquisadoras Angela Magalhães e Nadja Fonseca Peregrino. Em vez de optarem por uma divisão cronológica da história da fotografia no país, as duas dividiram autores de diversas épocas — de Pierre Verger a Geraldo de Barros, de Evandro Teixeira e Miguel Rio Branco — por núcleos temáticos sobre paisagem e identidade, entre outros assuntos.

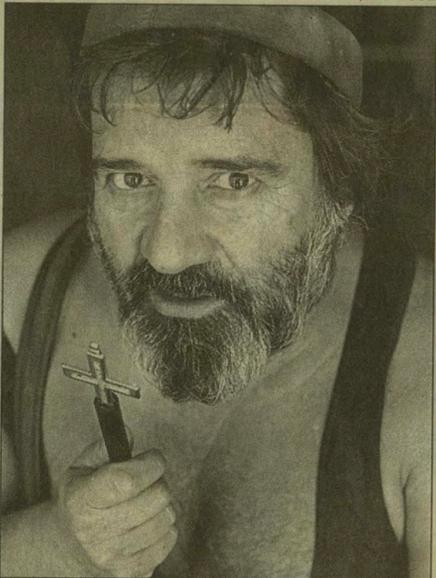
## Uma antologia com textos de críticos de arte

O Centro de Artes Visuais ainda lança duas coleções. A primeira, Pensamento Crítico, vai reunir antologias de textos

Reprodução



"ABSTRACIONISMO": o livro será reeditado  
Luiz Paulo Lima/6-5-1992



PLÍNIO MARCOS: briga na Justiça por direitos

de críticos de arte. A fornada de estreia traz livros de Frederico Moraes, Paulo Sergio Duarte e Icléa Cattani. A outra, Fala de Artista, coordenada pelo crítico Agnaldo Farias, vai reunir textos, depoimentos e entrevistas de artistas ou grupos artísticos da arte contemporânea brasileira.

— Os primeiros números desta série serão dedicados ao Núcleo de Arte da Paraíba, que teve um papel muito atuante nos anos 1980, ao grupo Nervo Ótico, de Porto Alegre, e ao artista plástico Ivan Serpa — conta o artista plástico Xico Chaves, do Centro de Artes Visuais da Funarte.

Na área de música, o principal lançamento é um livro de luxo que conta a história da Orquestra Sinfônica Brasile-

ra. No teatro, que tem linha editorial coordenada pelo crítico Fernando Peixoto, o primeiro grande lançamento é uma antologia de textos do crítico Yan Michalsky.

— Para fazer a seleção, criamos um conselho de críticos de teatro como Barbara Heliodora e Macksen Luiz, além do próprio Peixoto — conta Grassi, que, por ser ator, não consegue esconder olho brilhando ao falar do livro.

## Por enquanto, Funarte não pode publicar Plínio Marcos

A área de teatro, no entanto, é de onde também vem uma notícia triste. A Funarte não vai poder publicar as obras completas do dramaturgo Plínio Marcos. E não vai ser por falta de vontade: ape-

sar de ter pago em 1997 R\$ 100 mil pelos direitos sobre a obra do autor de "Dois perdidos numa noite suja" e "Navalha na carne", a instituição cedeu estes mesmos direitos para a Editora Global. Sem receber nada por isso. A cessão aconteceu em dezembro de 2002, nos últimos suspiros da gestão do último presidente da fundação, o escritor Márcio Souza. Sem saber que isso tinha acontecido, Grassi assumiu, dias depois, prometendo que publicaria a obra de Plínio. Agora, está sendo obrigado a se conformar.

— Entramos na Justiça, mas estamos perdendo a briga — conta o presidente. — Infelizmente, parece mesmo que a Global recebeu os direitos dentro da lei. ■

Reprodução/Pierre Verger



FOTO DE PIERRE Verger: ele está no livro de luxo "Fotografia no Brasil — Um olhar das origens ao contemporâneo" a ser lançado